

Jedrt
Lapuh Maležič
**Eles também
têm caras**

*Traduzido por
Nika Vremšak com colaboração de Américo Meira*



LITTERÆ
SLOVENICÆ

Slovenian Literary Magazine

Jedrt Lapuh Maležič: Eles também têm caras
Original title: Tudi oni imajo obraze/Težkomentanci

© LUD Literatura, 2016

Translation
Nika Vremšak, Américo Meira

Proofreading
Mateja Rozman

Design
Jakob Bekš for Studio Signum d. o. o.

Layout
Ulčakar grafika d. o. o.

Foreign rights
LUD Literatura Publishing, ludliteratura@yahoo.com, info@ludliteratura.si

Published by Slovene Writers' Association, Ljubljana
Dušan Merc, President

Ljubljana 2021

<https://litteraeslovenicae.si/>

Eles também têm caras

Não estou autorizada a falar com ninguém e eles não me dão o telefone, mas a minha namorada está sempre a ligar para o quartel-general para descobrir porque me têm amarrada com tiras. O Sr. General não fala com ela, porque o lesbianismo faz parte da minha psicose, e, assim sendo, talvez desapareça com o aumento da minha dosagem. Uma criada compassiva vem desamarrar-me e encher-me com a dose matinal, para que eu seja capaz de aguentar a visita ao médico sozinha, pela primeira vez esta semana. Estou tão apática e tão completamente nas tintas para esta gente do caralho, que me deixo desamarrar da minha cama como Cristo da cruz, enquanto ela me lava amorosamente a cara com um pano húmido. «Não acha que já chega?» diz ela.

Diz-me isso a mim?! Que já chega? Fui eu que me atirei ao chão e me esfaqueei com agulhas noite após noite, dia após dia, fui eu que me magoei e que me amarrei? Não digo isto em voz alta porque a minha língua está pesada como chumbo, olho apenas para ela de sobrolho franzido e a mula cala-se logo, porque não faz ideia do que é estar no lado errado da varanda quando o quartel-general está em reunião e só queres ar fresco e depois desce sobre ti uma horda de semi-analfabetos que mal podem esperar que, no silencioso covil dos ministérios, finalmente haja *ação*. Xô, moscas. Ninguém vos pediu que me eduquem e muito menos que metam as vossas patinhas na minha carne. Mal consigo andar e mal consigo ver por causa deste nevoeiro químico, mas enquanto eu conseguir manter o insulto na minha boca, vocês não vão dormir descansados.

Sou levada titubeante até à porta do consultório, ao lado da qual se encontra a porta para as rondas do médico. Porque mal me

aguento em pé, mudo rapidamente de ideias quando vejo outros pacientes à espera e dou meia volta em direcção à criada, que me empurra gentilmente para a frente. Ela segura-me pelos braços, que já estava a agarrar por trás, para o caso de eu ter de ser apanhada enquanto caia e persuade-me suavemente: «Apresente-se apenas ao senhor e à senhora, não precisa de falar.» Depois faz um meio sorriso fugaz e diz: «Na verdade é melhor se não falar» e escapa-me um sorriso também. «Em particular, eu recomendaria não uivar como da última vez» diz ela, e há um sorriso nos seus olhos. Digo com rancor: «Três, dois, um» e inspiro fundo para gritar, mas ela já percebeu que estou plácida e que tenho os olhos vidrados, limita-se a cobrir-me a boca com a mão. Não chega a tocar-me, faz apenas um esboço de movimento, como se as rachas dos meus lábios estivessem impressas na sua mão de unhas lacadas.

Então, ela diz: «És mesmo uma mão cheia» e eu nem reparo que ela me tratou por tu. Eu não a teria lixado, como da última vez e a vez antes dessa, quando uivava a plenos pulmões que o médico me libertasse desta jaula de bestas, e eu não berraria «O que fazem comigo» e não a foderia ao ponto de ela ter de me esfaquear com injeções, porque esta criada é boa, realmente boa. Não é culpa dela que esteja rodeada de bobos e sádicos: De facto, ela nem sequer quer estar aqui, só não o sabe ainda.

Espero de pé no corredor e aceno-lhe que me pode deixar sozinha, mas mesmo assim ela continua de pé atrás de mim a agarrar os meus braços, como uma silhueta ou uma aura. De vez em quando ela move a sua mão e o calor na minha pele move-se com a sua protecção. Em circunstâncias diferentes, ela ter-me-ia enervado, mas as suas mãos agora são como uma almofada, consigo senti-las, mesmo sem que me toquem. Os quartos dos pacientes estão trancados, de modo que ninguém pode descansar. Na ala, algumas pessoas, cuja maioria foi substituída durante a minha miséria aqui, estão sentadas ao virar da esquina na sala de estar diurna. Entre elas, a gorda e bruta Trudi, que ficou órfã e está a ser protegida

do mundo pelas boas pessoas desta instituição, e que ao mesmo tempo estão provavelmente a testar nela a nova cura da moda, a injeção de seroquel, que eu detesto tanto.

Estou novamente a cair na armadilha da raiva; por isso, apago Trudi do pensamento antes que me afecte – o meu activismo social não é de confiança porque a minha própria aparência é, como só agora me apercebi, completamente não fidedigna. Arranjo o meu cabelo e faço todos os possíveis para me apresentar de olhos límpidos, pergunto à criada se parece que passei as últimas semanas em camisa de forças. Ela ri-se e responde: «Não é a primeira. Não se preocupe. O senhor e a senhora doutora já sabem como é consigo.» Disse isto como se os dois psicólogos fossem casados, mas no fim de contas, no que me toca, é como se de facto fossem. Nenhum deles atende as chamadas da minha namorada, porque decidiram juntos que uma relação feliz com uma mulher é um sintoma estranho em mim.

Quando me zanguei no outro dia no consultório, agora uma memória distante, foi porque à minha menção da pessoa que mais amo no mundo, ambos suspiraram: «Ah, essa tua amiga, certo», reviraram os olhos e trocaram um olhar cheio de significado, querendo dizer, esta psicose ainda continua. Eu disse que não é de todo uma amiga, mas eles só suspiraram mais alto e riram-se porque de facto não podia ser mais do que uma amiga. Nesse momento, lembro-me agora com toda a clareza, partiu-se-me o filme. Aqueço outra vez, quando me lembro da sua atitude auto-engrandecida e da minha cabeça cheia de pensamentos; gostaria de lhes rebentar aqueles cus entronados se chegar a esse ponto de novo. Não me deixam ir à consulta, é melhor ficar no corredor, entre os pacientes, talvez ir fumar um nite com a gorda Trudi. Pergunto à criada se só desta vez poderia perder a oportunidade de escavar dentro de mim e ela apenas abana a cabeça com um sorriso. «Vai correr tudo bem, Amber, não se preocupe. Basta aparecer lá.»

Acabei de aparecer e já estão a fazer merda, o senhor e senhora doutora. A sua primeira pergunta é a mesma de sempre: «Tem...»

Sei exactamente o que vem a seguir, fico logo zangada, por isso interrompo: «Tem ouvido vozes? Ah, sim, muitas vozes, não se preocupem. Vêm da televisão, antes do noticiário da noite, para me dizerem que horas são!» Claro que estava a ser sarcástica como tudo, *obviamente* furiosamente sarcástica, mas o senhor e a senhora primeiro trocaram olhares triunfantes e depois começaram a estudar maniacamente a minha ficha e a inscrever lá a sua visão do mundo. Após se consultarem com um olhar, acenaram um para o outro e o senhor, como é costume em ambientes antidemocráticos, tomou a iniciativa: «Pode começar a mudar-se gradualmente para a ala aberta.» Da camisa de forças à liberdade? Era só isto o necessário? «Imediatamente após a injeção, a enfermeira acompanhá-la-á até à I5, ao doutor Mrzlikar.»

Conheço o doutor Mrzlikar. Melhor dito, conheço os seus pacientes. Partilhamos a varanda. Morreram um a um e ainda andam por aí. Uma senhora com quem o marido já não quer dormir e que se tenta suicidar todas as semanas, uma vidente de aspecto jovem que antes estava cheia de sabedoria curandeira e que agora se senta num canto numa pilha de miséria a engordar, um gajo que já nem se levanta desde que o apanharam a hackear os computadores de um banco, um jogador de xadrez extremamente brilhante que, devido a uma abordagem radical, agora é capaz de atravessar transversalmente as cordilheiras montanhosas do país e correr uma maratona, mas ao mesmo tempo as suas faculdades mentais secaram e ele acredita na sua própria doença e incapacidade, de modo que não consegue passar num único seminário no caminho para a independência, quanto mais terminar os estudos e sair de casa dos pais. Preciso de pensar cuidadosamente. Esta oportunidade de ir para a ala aberta pode não voltar a aparecer tão cedo. Mas já estou em desvantagem, por isso que vá para o caralho. «Não tenho nada que falar com o doutor Mrzlikar», digo enfaticamente, «Muito obrigada, mas prefiro ficar convosco.» Sinto que sou capaz de fazer um sorriso sarcástico, provavelmente bastante retorcido, mas ainda assim um sorriso.

O senhor e a senhora estão atónitos. A senhora parece-me um pouco mais comovida enquanto me olha fixamente. Parece-me que os seus olhos se humedecem, mas talvez seja apenas a luz a ser filtrada pelas cortinas e a desenhar pérolas nas suas íris. Decidi que durante a minha primeira saída da área de recepção, visitarei a senhora no seu escritório para lhe contar a minha versão da história. Talvez haja algum bom senso nela e ela compreenda; não foi ela que me massacrou, é apenas uma observadora, é o senhor que, devido à sua posição hierárquica, tem todos os cordelinhos na mão. «Do que é que, de facto, gostaria?» exclama então a senhora. Em vez de me perguntar, ela acusa-me de não aceitar a sua bondade. Torna-se claro para mim que ela teve de lutar muito por mim. Como se tivesse ensaiado cem vezes e sem ficar com a língua emaranhada uma única vez, digo monocordicamente: «Quero voltar à I4, de onde saí voluntariamente. Ao Dr. Gržinič na I4. Tenho lá assuntos pendentes à minha espera.» A senhora está indignada. «Como por exemplo?» Isto não tem nada a ver com ela, por isso vou usar uma frase que já disse tantas vezes em resposta à questão de eu poder ser lésbica, que me ensinou uma professora, a quem perguntei numa noite de bebedeira se alguma vez tinha provado carne humana. «Qual é o sentido de uma pergunta tão pessoal?» pergunto, e penso que a professora já terá comido carne humana antes. A senhora doutora afasta a minha pergunta com um gesto da mão, como que incrédula com tanta audácia vinda de uma paciente atordoada pela medicação.

Adoro quando os entronizados ficam chocados. Se eles te dão o que eles presumem que tu queres, esperam que saltes como o Roberto Benigni nos Óscares de 1999 e lhes beijes os pés. Duvido que Roberto Benigni o soubesse; de facto, penso que foi um truque dele, propositado ou não, para ser um espelho perfeito dos prémios da academia americana. Queriam súbditos rastejantes, agora levam com uma dose ironicamente completa; que seja uma lembrança de que são umas porcas hipócritas. Acima de tudo, tenho realmente coisas a fazer na I4. Tenho de pedir desculpa à enfermeira, que ofendi num momento de fraqueza. Só vi o sistema no seu rosto e

para mim, por um momento, ela era apenas um número na tabela de dosagem dos medicamentos, por isso, disse-lhe algo de verdadeiramente desagradável. Ela era uma vedação que eu não conseguia escalar. Uivei-lhe que não conseguia ver nada porque os seus úberes estavam constantemente a abanar à frente do meu nariz. E que se ela é tão profissional como parece ser, vai encolher os ombros à minha declaração e deixar-me em paz. Este é o assunto por resolver. Este é o karma pelo qual o fio de prata é pendurado no pescoço da pessoa odiada, para que não possa morrer pacificamente. «Tenho assuntos na I4, é tudo o que vos deve interessar» digo ao senhor e à senhora, que estão a trocar olhares incrédulos. «Mas não há lugar na ala I4», diz a senhora. Persisto com a minha intenção, mesmo enquanto um anjo grita atrás de mim: «Cuidado, John Wayne! Atrás de ti, cuidado!» Ficaram visivelmente ofendidos, o que muito provavelmente voltará para me assombrar. «Pode ir, precisamos de falar sobre o que fazer consigo», dizem, e quando saio tenho a impressão de que fodi um pouco as coisas.

Vagueio pela sala de estar diurna e pela varanda, onde me é actualmente permitido fazê-lo. Enquanto ando pelos microcaminhos por onde há algumas semanas fui arrastada a dar pontapés e a gritar histericamente, tenho a impressão de que de facto não teria sido necessário tal comportamento, mas não posso concordar de maneira nenhuma com a dose que recebi por causa da minha desobediência infantil. Não era loucura, era rebeldia. Não estava maníaca, mas friamente determinada a provar que tinha razão – que a fronteira entre a sala e a varanda é fictícia e somente existe nas suas cabeças dementes. Que eu posso ir onde quiser, porque tudo isto terá sido um prado um dia, que não pertencia a ninguém, que todas as suas maquinações terapêuticas não tinham nome e não o teriam por muito tempo, porque tudo isto, tudo o que veem e vemos, um dia será tomado pelas ervas daninhas.

Parei por um momento, antes de atravessar a soleira para a varanda, porque era tudo o que eu fazia nessa altura, há semanas atrás. Eles reuniram-se à hora do jornal da noite, sabia-me bem um

cigarro. Nessa altura pus o pé na varanda, tal como agora, e nenhuma solicitação ou comando me faria movê-lo. Este prado, disse-lhes eu, este prado não é vossa propriedade. Trocaram olhares, como se eles próprios o tivessem cortado e construído este mastodonte complexo psiquiátrico. Como se eu fosse uma negra, acabada de entrar numa civilização escravagista. Os seus olhares na altura faziam-me lembrar todos os Generais Cortezes deste mundo e todos os inquisidores e é por isso que agora estou toda picada e um pouco mal humorada, enquanto piso este estimado pedaço de betão que em tempos foi um prado, mas que já não se vê em lado nenhum.

A gorda Trudi saltita até mim e pergunta-me: «Eh lá, és mesmo tu?!» O seu sotaque cantante coloca a sua origem algures em direcção a Ptuj. «Não sou», sorrio-lhe. Realmente não sou. De maneira nenhuma sou mais eu. Esta sou eu na minha versão domesticada, quebrada, e esta varanda é tanto um prado como eu sou eu. Não explico mais, porque a Trudi diz-me: «Tens uma visita. Um velhote não te conseguia encontrar; por isso, disse-lhe que eu te encontraria antes dele.»

O meu querido papá está preocupado, mas só um pouco. Está mais zangado comigo. Não nos víamos há muito tempo. «Estou um pouco fraca», digo eu. «Claro que estás fraca, estás sempre a discutir», revira os olhos. E depois, muito seriamente: «Não pensei que fosses tão idiota», diz ele, e as lágrimas vêm-me aos olhos. Durante todo o tempo que estive amarrada não conseguia chorar. Onde está o seu calor paternal agora? Sou uma idiota, do que é que eu estava à espera.

«Não sabes o que estes filhos da puta me estão a fazer!» empertigo-me. «Onde estavas tu quando cinco deles me prendiam no chão com os joelhos, hã? Onde estavas tu, caralho?» digo asperamente; enquanto os seus olhos dizem uma coisa, a sua boca diz outra. A sua boca só repete: «Não grites, pá. Isso não é de todo importante, agora.» Quanto mais repete, mais eu grito e mais lágrimas me

escorrem pelas faces: «O que eles me fizeram! Pulhas fascistas, podia matá-los! E eles gostaram!» Uivo e choramingo, enquanto o que a sua boca diz já não chega aos meus ouvidos, ouço apenas os seus olhos. São enormes e tristes. Quando volto a ouvir a sua voz, é menos dura: «Não consegues ver? Como é que te faço compreender que de onde estás, não consegues mudar nada?! És burra ao ponto de tentar fodê-los por dentro? Bateste com a cabeça, hã?!» Retenho alguma coisa. Graças a Deus, retenho alguma coisa. Ouço algo. Sinto-me como se alguém me tivesse dado um pontapé no estômago e rasgado as tripas. Fujo da sala de espera e volto para a ala. Peço-lhes que me levem, que me amarrem se for preciso e que me proibam visitas, até que fiquem completamente confusos.

Por mais inteligente que eu pense que sou, sou na verdade terrivelmente estúpida. Queria chatear e conduzir e queimar o sistema, em vez da minha cabeça dura. Relembro momentos em que tinha raiva do meu pai por ele não cuidar de mim, mas em vez disso me ensinar. Momentos que me davam a volta ao estômago, porque sabia que ele podia ter razão. É bastante patético que durante anos e décadas tenha carregado comigo esta mó, com a qual podia ter fodido as paredes invisíveis desta instituição do caralho, ou acabar de as construir, como for necessário. Mas não, prefiro carregar esta mó ao colo e acusar outros, como se alguma vez me tivessem dito: «Carrega-a.» Entretanto queixo-me e sopro e suspiro, em vez de simplesmente me desanuviar do fardo. Não significa que o tenha de o pôr sobre outra pessoa, basta pousá-lo. Cambaleiar um pouco para a esquerda, um pouco para a direita, se necessário, e depois colocá-lo directamente no chão. Desta vez talvez tenha realmente ouvido uma espécie de voz. *Directamente no chão, diz. Larga. Isso mesmo. Boa menina.*

Acasulei-me sobre a poltrona da sala de estar, sem querer saber de quem se arrastava por lá. Assim passei o tempo até ao almoço e poderia ter passado mais, se não tivesse sido chamada pela gorda Trudi, que era cem vezes pior que eu, mas não choramingava

ou sentia pena de si mesma. «Então, como é que é, desgraçada?» disse ela, dando-me palmadinhas nas costas. Primeiro vi as suas sandálias gastas no chão. «Trudi, minha querida, quanto calças?» perguntei, olhando para a sua cara inchada. «Tanto quanto tu» riu-se ela. «Tens algo para mim?» Prometi-lhe que lhe traria uns ténis se alguma vez chegar a ver o ar livre. «Olha», diz Trudi. «Hã?» digo eu. «É chato. Mas tens uma visita.» Abano apenas a cabeça. Já não faço mais isso. «Diz-lhes que me mataram. Que foi demasiado», dou-lhe instruções e rio-me às gargalhadas, porque sou realmente uma pirralha mimada e patética. Claro que me levanto e bamboleio até à sala de espera.

Não está lá ninguém. Trudi, a porquinha, enganou-me, penso eu e volto para a ala. Quando passo pelo consultório, tenho a impressão de que está a abarrotar. Vejo alguém de costas para a parte envidraçada da porta, obstruindo o meu olhar intrometido. É um pouco estranho que tenham uma reunião no consultório, uma vez que normalmente há uma sala designada para o efeito, longe da vista dos pacientes. Porque não vislumbro Trudi, roubo um nite do maço que ela deixou na sala de fumar ali perto e desloco-me até à porta do consultório, onde do lado de fora está pendurado um isqueiro para os pacientes, colado com um penso a um cordão. Enquanto o acendo, já está a queimar e sopro com força, a porta do consultório abre-se. Sopro o fumo na cara da enfermeira, que não é daqui. Esta é a *minha* enfermeira, que eu insultei, a enfermeira que estava apenas a substituir outra e que não deseja mal a ninguém, a quem eu chamei vaca há um mês. Porque não faço ideia do que dizer nestas situações, quando deves a alguém um duplo pedido de desculpas, digo apenas «Oh» e desapareço rapidamente para a sala de fumo, porque não nos deixam fumar no corredor. Depois agarro a minha cabeça, porque sinto remorsos de não ter aproveitado a oportunidade de redimir o meu karma, a enfermeira já se foi embora e provavelmente não tem motivo para voltar a esta ala infernal. Só há lugar aqui para nós, falhados acabados, que carregamos nós connosco, e talvez para aqueles que estão apenas

de passagem. E para Trudi, que não sabem exactamente onde a colocar. Em que compartimento.

Aproxima-se com estrépito, como se não tivesse acabado de me enganar e eu apenas digo: «Gamei-te um nite.» Como resposta, ela pisca-me o olho: «Sim, encontraste-a?» Quem, ela sabe muito bem que não estava ninguém na sala de espera. «Não brincques, minorca», digo e riu-me, convencida de que ambas sabemos perfeitamente que eu caí na esparrela. «A enfermeira Tanja, meu, eu disse-te que tinhas uma visita!»

Sou tão estúpida que me arde a cabeça. A enfermeira Tanja veio até ao rés-do-chão para o pedido de desculpa, para me visitar pessoalmente, e eu apenas lhe soprei na cara e disse: «Oh». Sou burra como uma porta. Mando o nite para dentro de um pote com água e fujo da sala de fumo, mas sou interceptada em frente ao consultório por nem mais nem menos do que o próprio General. O olhar dele perfura-me e estica o braço para que não possa passar. É verdade que os limites são fictícios, mas sei muito bem que neste momento, o meu limite é ele. Através dele não posso correr até à enfermeira Tanja, nem sequer até à sala de espera. «Amber...» diz-me ele ominosamente e para-me a seco a meio da passada. Temo o seu exército e todos os danos que pode causar.

«Sim?» digo com impaciência e desta vez, para variar, evito-o cuidadosamente e abrando o passo consideravelmente. «Amber, vais para a I4» Chegou a ordem. Fico atónita.

Para os olhos perfurantes digo apenas: «Quando?» e eles dizem: «Imediatamente. Por favor siga a enfermeira Tanja, embora pense que já sabe o caminho.» Não sei exactamente o que se estava a passar pela minha cabeça enquanto seguia a enfermeira Tanja, subindo as escadas e entrando na terra prometida, mas sei que algumas pessoas lhe chamam cura, outras, gratidão. Não sei se funciona com portas como eu, mas às vezes, só às vezes, uma cabeça doente pode realmente ser mais sensata do que uma cabeça

saudável. Ainda bem que a enfermeira Tanja ia à minha frente, porque eu teria tido dificuldade em olhá-la nos olhos. Só quando chegámos ao segundo andar, consegui dizer baixinho: «Desculpe-me. Lamento mui...» Antes de conseguir acabar, ela interrompeu-me: «*Já nem me lembro disso.*» Disse isso em vez de dizer: «Cale-se imediatamente, porque não me esqueci de nada.» Tentei novamente, mas ela esboçou um gesto de afastar e olhou-me nos olhos. «Eu sei que não era você, compreende, certo?» Claro que era eu, penso com espanto. Fui *eu* que a insultei, não uma psicose qualquer a falar através de mim como um extraterrestre. Não sou uma pessoa diferente quando estou maníaca. Sou inteiramente responsável por mim própria. Mas, naquele momento, foi mais fácil agarrar o meu coração do que arrancá-lo e jurar que não tinha sido minha intenção insultá-la. Os seus olhos ainda estavam feridos, mas felizes.

Ela deu-me sinal para entrar com ela no quarto onde são arrumadas as toalhas, onde me mostrou um enorme saco de lixo. «As suas coisas», riu-se ela. Não me lembrava de nada. Eu tinha alguma coisa comigo? Estranho, viajantes no tempo, carregamos tralha connosco... Estava a vasculhar no lixo e encontrei papelinhos com inscrições, diários de gatafunhos, blocos de notas, traduções, esboços, fotografias, memórias do que eu costumava chamar uma profissão, ou por vezes, de forma patética, uma vocação. Estou contentíssima por os meus tesouros não terem ido parar ao lixo e por poder ressuscitar deles a minha massa cinzenta, exclamo excitadamente à enfermeira Tanja: «Afinal não sou apenas um número!»

Ela olhou para mim com seriedade, quase me fez pensar que ainda estava ofendida, mas finalmente disse lentamente: «Eu também não, querida. Eu também não.»

This collection has been published continuously
since May 1963
(between 1963 and 1990, under the title of *Le Livre Slovène*;
since 1991, under the title of *Litteræ Slovenicæ*).

Contact of the publisher

Slovene Writers' Association (DSP)

Tomšičeva 12, SI-1000 Ljubljana

Phone: +386 1 251 41 44

Email: dsp@drustvo-dsp.si

Website: <https://litteraeslovenicae.si/>



**SLOVENIAN
BOOK
AGENCY**

This book was published with the financial support
of the Slovenian Book Agency.



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union

This project has been funded with support
from the European Commission.

This publication reflects the views only of the author,
and the Commission cannot be held responsible for any use
which may be made of the information contained therein.

Without written permission of the publisher any form
of reproduction or other use, in full or in part,
of this copyrighted work, including photocopying, printing,
or storage in electronic form, is strictly prohibited.



<https://litteraeslovenicae.si/>